



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 19

GRUPO CULTIVANDO
VIDA COM DEUS

Laércio Meirelles

janeiro, 2018

Grupo Cultivando
Vida com Deus



Grupo Cultivando

Vida com Deus



janeiro, 2018

O grupo Cultivando Vida com Deus surgiu em 2015, portanto, há menos de três anos, na comunidade de Alto Chapecozinho, município de Morrinhos do Sul, na região do Litoral Norte gaúcho.

Chego e impressiono-me com a estrutura. Galpão grande, câmara de climatização de banana, um pequeno escritório, dois caminhões. Esse grupo tem foco absoluto na produção e comercialização de bananas ecológicas para supermercados.

O grupo surgiu do encontro de diferentes histórias de vida. Converso com os quatro sócios-líderes e vou inteirando-me dessas trajetórias.

Ivanor Gomes, casado com Sandra, tem três filhos. Um mais velho que trabalha com ele e dois menores. Ivanor é natural de Santa Catarina e, desde jovem, trabalhou com seu pai em lavouras de fumo. Saiu de Araranguá, passou por Santa Rosa e chegou ao Rio Grande do Sul, no interior do município de Torres.

Daquele tempo, recorda-se de que foi, por duas ou três vezes, intoxicado com venenos. Em 1999 casou-se. Nesse mesmo ano, mudou o foco de sua atividade na agricultura e começou a trabalhar com banana. Depois de alguns anos, trabalhando em terras arrendadas e próprias, foi convidado pelo sogro para trabalhar com

ele na comunidade onde hoje vive.

Interessou-se pelo trabalho com Agricultura Ecológica há cerca de dez anos. À medida que foi vendo um resultado positivo e encontrando lugar para vender a produção, foi convertendo suas áreas. Hoje toda a produção é ecológica. Sua trajetória de comercialização começou com o grupo ecológico Rio Bonito, comunidade vizinha, que tem um espaço de vendas no Ponto de Colheita, hoje, Ponto Safra, em Caxias do Sul.

Depois, através desse mesmo grupo, conheceu a Cooperativa de Agricultores Ecologistas (Econativa) que reúne famílias do Litoral e da Serra Gaúcha. O passo seguinte foi comercializar as bananas com o Renato. Renato Leal é um bananicultor que vem abrindo mercados importantes para a comercialização de bananas ecológicas, principalmente junto ao Zaffari, conhecida rede gaúcha de supermercados. Abre os espaços, estimula famílias a produzirem dessa forma, compra, prepara e vende a produção.

Ênio Santos, outro sócio, tem quatro filhos. É casado com Vera Lúcia, que é irmã da Sandra. Seus dois filhos maiores já colaboram na produção. Ênio nasceu na comunidade vizinha do Morro do Forno. Aos vinte anos, já casado, foi para Vila São João, município de Torres, para trabalhar em um mercado.

— *Não gostei de trabalhar de empregado, longe da roça.*

Kauê, seu terceiro filho, oito anos, completa:

— *Nasceu na roça, deu saudade da roça!*

Sou obrigado a sorrir da observação do Kauê.

Ênio voltou em 1995 para plantar tomate.

— *Produzi e me envenenei por dez anos. Ganhei muito dinheiro, mas perdi saúde.*

Já em terras do sogro, migrou do tomate para a banana. Começou a vender junto ao grupo Rio Bonito, assim como o Ivanor. Da mesma forma, começou a comercializar também pela Econativa. Em dado momento, desanimado, desistiu da produção ecológica. Ele conta que Renato veio conversar com

ele para reanimá-lo. Deu resultado, Ênio seguiu “na ecologia” e passou a comercializar sua produção de banana para o Zaffari, através do Renato.

Outro sócio é o Luciano, concunhado do Ivanor e do Ênio. Nasceu em 1979, em Morrinhos do Sul. Filho de agricultores, sempre trabalhou com banana. Primeiro com o pai, só na enxada, até os 24 anos, quando casou-se com Alice e foi morar na comunidade do Chimarrão, no município vizinho de Três Cachoeiras. Alice é irmã de Sandra e de Vera Lúcia. Luciano arrendou um bananal de cinco hectares. Ganhou dinheiro com a banana e comprou um terreno, também de cinco hectares em Terra de Areia. Morou lá sete anos. Sempre na agricultura convencional, usando fertilizantes de alta solubilidade e veneno. Há três anos, em conversas de família, surgiu a ideia de trabalhar com Agricultura Ecológica. O casal veio para o Alto Chapecozinho onde trabalha, junto com o cunhado e os concunhados, na terra do sogro.

— *Para falar a verdade, acho que economicamente é igual. Mas valeu a pena, a economia não é tudo, aqui está bom e gosto do trabalho “na ecologia” e com o grupo.*

O quarto sócio é o Juarez dos Santos. Juarez é irmão da Sandra, da Vera Lucia e da Alice. Nasceu em 1981, no Alto Chapecozinho, nas mesmas terras que hoje todos trabalham. Tinha dezenove anos quando foi cuidar de uma propriedade, em Três Forquilhas, comprada pelo pai. Após três anos, começou a se envolver com a comercialização de bananas, primeiro em mercados e supermercados no litoral e, posteriormente, na Ceasa.

— *Fiquei quase 15 anos aprendendo a lidar com a venda. Resolvi voltar, colaborar com minha experiência em comercialização “no ecológico” e ajudar o pessoal a largar os venenos, com um trabalho diferente.*

O grupo Cultivando Vida com Deus começou já com três caminhões, herdados do trabalho do Juarez com comercialização

na Ceasa. Construíram, também, um galpão na propriedade. Os ajustes de conta ainda vêm sendo realizados.

Eles têm seu modo próprio de organização. Recentemente redefiniram funções. O Ênio irá cuidar da banana na roça.

— Quantos hectares, Ênio?

— *São 10, todos com banana branca* (prata em outras regiões do país).

— Qual o manejo da banana?

— *Trabalho só com roçadeira, sem capinar; o solo está sempre coberto. Usamos esterco de galinha ou peru, que compramos. Usamos, também, calcário e fosfato natural. Óleo mineral e gigamix são pulverizados juntos, três vezes por ano.*

— E os gastos com insumo?

— *Cerca de R\$ 1.500,00 por hectare ao ano.*

Ivanor entra na prosa e diz que quando trabalhava com bananais ecológicos e convencionais ao mesmo tempo, notava que nestes últimos precisava usar cada vez mais insumos. Diz, ainda, que a produção era irregular, em algumas áreas produzia bem, em outras, o bananal adoecia e produzia pouco. No manejo ecológico a produção é mais estável, homogênea e gastam menos com insumos. Comento com ele que na região existem agricultores que chegaram à conclusão que na banana branca não usam mais nada, que preferem evitar qualquer gasto com insumo.

— *Gostei, pode ser uma ideia, vou precisar visitar um bananal manejado assim, para ver como funciona* – diz Ivanor.

Na divisão de tarefas Luciano cuida de “fazer a banana”. Após a colheita, é necessário despencar, encaixotar e levar as bananas para serem climatizadas no galpão. Essa é sua tarefa, não apenas com os bananais da família, mas também com os outros integrantes do grupo que são agricultores da comunidade, com bananais próprios, obviamente ecológicos e que participam parcialmente das tomadas de decisões. Minha interpretação é que atuam mais como fornecedores do que

como membros ativos nos processos decisórios do grupo.

Ivanor cuida do galpão, climatização da banana, da embalagem em sacos personalizados de 800 gramas, de colocar nas caixas como exige o supermercado, gerenciando as seis pessoas que colaboram nessa tarefa.

Juarez cuida apenas das vendas e do transporte da banana para Porto Alegre. Vendem de 1500 a 2 mil caixas por semana. Cada caixa com dez quilos. Atendem a demanda do Rissul, pequena rede de mercados gaúcha e o restante repassam para o Renato, que as comercializa com o Zaffari.

O grupo tem uma dinâmica diferente das que usualmente encontramos na região. É como um mix de trabalho associativo e uma iniciativa mais de cunho empresarial. Além dessas quatro famílias que brevemente descrevi, mais seis famílias produzem e entregam banana ecológica nesse mesmo entreposto gerenciado por eles. Do ponto de vista jurídico, um deles, o Juarez, tem uma microempresa para operar o negócio.

O trabalho no Litoral Norte do Rio Grande do Sul e no Sul de Santa Catarina com Agricultura Ecológica tem 26 anos, se contabilizarmos seu início, a partir de janeiro de 1991, quando jovens de Antônio Prado, município da Serra Gaúcha, passaram uma semana na região de Torres divulgando as práticas que adotavam para fazer agricultura sem veneno.

Naquele momento, esses dois municípios eram integrantes da mesma Diocese, a de Caxias do Sul, e esse intercâmbio foi promovido pelo Centro Ecológico e pela Pastoral Rural, com apoio dos padres João Bosco Schio, Remi Casagrande e Josemar Conte.

Pois nesse ano passado, 2017, tenho podido observar, sem que eu possa afirmar, que o crescimento do trabalho vem ocorrendo na forma que eu imaginava ocorreria lá atrás, há 26 anos...

É que quando começamos o trabalho de divulgação da Agricultura Ecológica juntos às famílias de Ipê e Antônio Prado,

eu guardava a convicção de que, à medida que um agricultor começasse a trabalhar por esse viés, em um determinado local, o vizinho veria, e outro, e mais outro e, em pouco tempo, numa espécie de crescimento em progressão geométrica, todos estariam fazendo como ele. Afinal, por que não? Se produzo bem e mais barato sem o uso de veneno, por que usá-lo? Da mesma forma eu pensava sobre quem consome. À medida que essas informações fossem sendo repassadas, mais e mais consumidores procurariam alimentos produzidos sob essa lógica. Afinal, quem quer comer veneno?

Mas não é assim. A produção e consumo de produtos ecológicos crescem por todo lado, mas os mesmos números que atestam esse crescimento, demonstram sua marginalidade. Oficialmente, a Agricultura Ecológica é praticada em mais ou menos 1,2% da área cultivada no mundo. Não vou explicar aqui que esse número é subdimensionado, mas de todos modos, multiplicá-lo por dois ou três não a retiraria da marginalidade. Não sei responder por que esse crescimento não é exponencial. Mas sei que nadar contra a corrente é mais difícil do que talvez eu imaginasse no vigor da juventude. Qual corrente? A imposta pela manipulação das grandes empresas.

Um exemplo do poder que estou me referindo: em 2017 a Bayer comprou a Monsanto por 66 bilhões de dólares. Esse gigantesco poder financeiro manipula tudo para aumentar suas vendas. Gera o que chamam de informação científica, dita tendências e convida o incauto a ser moderno, consumindo seus produtos. Esse poder das empresas, seguramente, é parte da resposta de por que a agricultura ecológica não cresce como projetado.

Mas também é verdade que os países comunistas, que viveram anos, relativamente à margem desse poder, sempre se valeram do uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos, em altas doses, na sua forma de pensar e fazer agricultura. Sim, seguramente nosso modo de entender e fazer ciência pode

também ser parte da explicação. Deve haver outras explicações para o fato da Agricultura Ecológica não crescer de forma mais pujante, mas quero falar agora de uma das minhas esperanças, na qual me agarro quando necessito renovar o entusiasmo: a teoria do centésimo macaco.

Segundo eu sei, é uma espécie de lenda urbana. Mas guarda uma hipótese que é alentadora em casos como o meu, que veem os anos passarem sem ter sua profecia realizada. Reza que alguns cientistas japoneses estudavam o comportamento de macacos em uma ilha. Dos seus barcos, sempre jogavam batatas doces para esses macacos. Dessa forma, poderiam observá-los mais claramente. Um dia, uma fêmea (sempre as mulheres...), chamada Imo, resolveu lavar as batatas antes de comê-las. Outros a seguiram, possivelmente porque a batava ficava mais apetitosa, livre da areia e, quem sabe, até salgadinha... Mas nem todos os macacos da ilha a copiaram.

Quando o “centésimo” macaco imitou Imo, os cientistas notaram que em uma ilha próxima, sem que houvesse qualquer contato entre uma e outra, alguns macacos começaram a lavar as batatas. Ou seja, mesmo sem que o exemplo se fizesse visível, as mudanças se multiplicaram quando um determinado número de macacos começou a agir do jeito novo.

Nas sociedades humanas existiria um comportamento parecido?

Tem um biólogo inglês, Rupert Sheldrake, que propõe a hipótese dos campos mórficos. Não cabe tentar explicar sua teoria aqui, mas é possível facilmente achar estas informações. O fato é que Sheldrake se propõe a explicar uma mudança social a partir de atitudes em direção à mudança de um determinado conjunto de indivíduos. A partir de determinado número de adeptos, essa mudança se realizaria no sentido proposto e em maior velocidade.

Sempre que vejo alguém se juntar a esta onda de produzir e comer sem veneno, o que tem muitas vantagens e pouca

ou nenhuma contraindicação, fico me perguntando: será essa pessoa o centésimo macaco?

Como eu disse, é uma hipótese alentadora. Anima! E conheço muitas Imos que, com seus gestos, já começaram a desencadear a mudança na direção de um circuito mais bacana de produção e consumo de alimentos. Mais generoso e menos envenenado. Sim, eu conheço pessoas que há anos vêm lavando suas batatas. Em vários locais do mundo, mas agora quero voltar ao Litoral Norte do RS e Sul de SC.

O trabalho desenvolvido por essas famílias do Alto Chapecozinho difere do que historicamente a Pastoral Rural e o Centro Ecológico estimularam. Havia uma percepção de que a produção ecológica e a comercialização direta, sem atravessadores, eram como irmãos siamesas. E deveriam vir acompanhadas de uma ativa militância sociopolítica. Hoje, avalio que essas premissas nos deixaram em uma ilha, para seguir com a metáfora da história do centésimo macaco.

Talvez esse trabalho do grupo Cultivando Vida com Deus esteja em outra ilha. Lava as batatas, mas do seu jeito. No território a que me refiro, o Litoral Norte do RS e Sul de SC, em 2017, ingressaram cem novas famílias na produção ecológica, a grande maioria produtores de banana. Existe perspectiva que esse número possa dobrar em 2018. É Ivanor que conta:

— *Não sabemos bem o que fazer. É muita demanda de convencionais que querem “fazer ecológico”. Muita gente tem falado que quer entrar no grupo, que quer sair do veneno. Não sabemos como vamos atender toda essa demanda.*

— Por que toda essa procura, Ivanor?

— *Trabalhar na ecologia é melhor. E as vendas e os preços são mais estáveis. Também tem uma preocupação nossa com um trabalho mais honesto no peso da banana, as famílias que vendem reconhecem isso, nós pagamos, de fato, por quilo, não usamos o artifício de qualificá-las como inferiores só com o objetivo de abaixar seu preço.*

Ivanor demonstra uma preocupação com o crescimento do trabalho:

— *Estamos preocupados em selecionar as pessoas para que não entrem só por interesse econômico. Queremos trabalhar com quem quer mesmo sair do veneno.*

Ênio vai em uma sintonia parecida:

— *Quero visitar mais as famílias para ter certeza dos agricultores com os quais estamos trabalhando. Não podemos vacilar e ter veneno escondido. Aqui tinha um que achamos que não era muito firme, tivemos que tirar do grupo.*

Pergunto a eles se gostam do trabalho. Juarez se adianta:

— *Gosto muito. Eu me sinto melhor por não estar prejudicando, matando os outros. Antes, vendendo para a Ceasa, eu me via obrigado a até incentivar a usar veneno. Agora não preciso, sei que não estou lesando ninguém, incentivo as pessoas a não usarem veneno. Ajudo e não prejudico os outros.*

E financeiramente?

— *É igual. Acho que lá eu ganhava mais, mas gastava muito mais. Aqui é bem melhor de viver, ganhei também na saúde, nem se compara. O financeiro não é tudo. Olha nossa horta, temos quase tudo de comer aí, sem veneno.*

Os outros concordam.

Converso com eles sobre a comunidade. Estou impressionado com a beleza do local. Fico sabendo que são 20 famílias que vivem ali. Hoje, dez trabalham com Agricultura Ecológica. Provoco-os dizendo que depois de 25 anos de trabalho estou procurando a primeira comunidade que será toda formada por agricultores ecologistas.

— *Vai ser aqui. Em três anos, no máximo* – diz Luciano.

Não quero terminar este texto sem mencionar que as mulheres da família trabalham, em conjunto, em uma tecelagem artesanal que construíram ali mesmo, na propriedade. As esposas deles e a mãe/sogra são as proprietárias. Produzem ali, em casa, rodeadas dos filhos e em um papo animado. Valeria

um relato só sobre o trabalho delas.

Já no final da conversa, comento com Ivanor que eles parecem ter um excelente clima de trabalho, com muita harmonia entre todos. Ele fala:

— *Temos, sim. Hoje em dia as pessoas são muito individualistas. Aqui, somos mais unidos. Temos um grupo de orações, todas as quintas nos reunimos para louvar, agradecer, ler o Evangelho. Isso nos ajuda muito a manter a direção e a união.*

A história desse grupo é muito interessante e cheia de nuances. Vou ficar por aqui, não sem antes deixar duas saudações: Salve os pioneiros que abriram os sendeiros, salve os que vieram depois e abrem novas possibilidades para a caminhada.

